



**PRÓ-SABER**



**DE SONHO E  
RESISTÊNCIA**

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER**

**CLEIDE LÚCIA DE PONTES SOUZA**

**EXISTE BRINCADEIRA SEM REGRAS?  
COMO ESSA QUESTÃO SE APRESENTA NO COTIDIANO DE UMA CRECHE  
FILANTRÓPICA-CONVENIADA**

Rio de Janeiro

2017

**CLEIDE DE LÚCIA DE PONTES SOUZA**

**EXISTE BRINCADEIRA SEM REGRAS?  
COMO ESSA QUESTÃO SE APRESENTA NO COTIDIANO DE UMA  
CRECHE FILANTRÓPICA- CONVENIADA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Profa. Dra. Cristina  
Laclette Porto

Rio de Janeiro

2017

So895e	<p>Souza, Cleide Lúcia de Pontes</p> <p>Existe brincadeira sem regras? Como essa questão se apresenta no cotidiano de uma creche conveniada / Cleide Lúcia de Pontes Souza.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2017.– 33 fl.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2017. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.</p> <p>Orientador: Profa. Dra. Cristina Laclette Porto</p> <p>1. Educação infantil. 2. Cultura lúdica. 3. cultura de pares. 4. Brincadeiras. 5. Regras. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.</p> <p style="text-align: right;">CDD 372</p>
--------	--

## LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro 09 de Novembro de 2017

**CLEIDE LÚCIA DE PONTES SOUZA**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a DEUS;

À minha única filha, Antônia Gabriela, que é a razão da minha vida e da minha luta profissional, para que se espelhe em minha trajetória de vida e busque sempre a realização de seus desejos;

Aos meus pais, Antônio João e Maria Lúcia, pela dedicação, amor e compreensão, me apoiando na escolha da minha profissão;

Aos meus irmãos, Ana Lúcia, Ana Paula e José Antônio, por me darem força e acreditarem na minha capacidade profissional, e em especial ao meu irmão Jailson Antônio, por tudo que ele significa em minha vida, mesmo não estando mais presente no momento. Sua lembrança ainda é saudosa em minha memória.

E ao Pró-Saber e a todos que fazem parte dessa educação: obrigada pela transformação!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a DEUS, que sempre esteve comigo nesse caminhar, me iluminando, protegendo e dando força para continuar guiando meus passos nesta grande conquista.

Aos meus pais, pela educação que recebi e por terem me conduzido a percorrer o melhor caminho dessa vida.

A minha filha, Antônia Gabriela, pelos dias de ausências.

Ao meu marido, Gilberto, por todo apoio e compreensão nas horas ausentes.

A minha professora e orientadora Cristina Laclette Porto, que me ajudou com suas orientações na elaboração deste trabalho. Obrigada por tudo.

Aos meus irmãos, sobrinhos e familiares, pelo apoio e carinho. Em especial, a minha sobrinha, Maria Alice, que sempre esteve presente ao meu lado nessa caminhada.

A todos os meus amigos e colegas, que colaboraram para que esta pesquisa se realizasse.

Aos meus professores, pela compreensão e paciência.

Aos meus alunos, que me incentivaram e foram fonte de inspiração para a realização da mesma.

E a todos aqueles que direta e indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

“Brincar com criança não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los, sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.”

Carlos Drummond de Andrade

## RESUMO

A presente monografia visa analisar a existência de regras nas brincadeiras das crianças e como estão relacionadas à cultura em geral, à cultura lúdica e à cultura de pares. A partir das regras na brincadeira, as crianças aprendem inúmeros conhecimentos e estabelecem relações sociais, aprendem também a vencer obstáculos e limites. A pesquisa foi realizada na creche filantrópica-conveniada em que trabalho. Foi possível compreender como o brincar e a brincadeira contribuem para um leque de possibilidades de conhecer e de se apropriar do mundo que cerca as crianças.

**Palavras-Chave:** Brincadeiras. Regras. Cultura Lúdica.





## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>1 O BRINCAR EXIGE CERTO TIPO DE OLHAR</b>	<b>11</b>
1.1 Aprendendo a ver as brincadeiras	13
1.2 Descrição do campo de pesquisa	14
<b>2 BRINCADEIRAS SEM REGRAS PRÉ - ESTABELECIDAS</b>	<b>18</b>
<b>3 BRINCADEIRAS COM REGRAS PRÉ - ESTABELECIDAS</b>	<b>27</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

O tema, que pretendi escavar, foi o brincar no desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Queria entender melhor esse mundo imaginário do faz de conta, do universo lúdico, onde a criança comunica-se consigo mesma e com o mundo.

Durante o Curso Normal Superior do Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), onde faço formação para obter habilitação em Educação Infantil, assisti o vídeo “Assim se brinca” da série Pralapraca, produzido pela Avante, com apoio do Instituto C&A. O objetivo dessa série é auxiliar os profissionais da Educação Infantil a desenvolverem atividades que contribuam para o desenvolvimento da criança.

Percebi nos relatos que vão aparecendo, as muitas mudanças e conquistas que estão ocorrendo nessa área. Há conquistas dos profissionais no envolvimento e entendimento da necessidade de se criarem possibilidades de brincar, levando as crianças a se expressarem e desabrocharem suas potencialidades, explorando os espaços pelo movimento, interagindo umas com as outras.

Vemos que os professores vêm concordando em deixar as crianças experimentarem variedade de materiais e suportes, criando oportunidades de brincadeiras espontâneas e também de brincadeiras mediadas por adultos.

Ouvindo alguns relatos feitos por professores no vídeo, fiquei refletindo e levantei as seguintes perguntas que me acompanharam ao longo da elaboração da monografia: Será que todos os profissionais da Educação Infantil estão preparados para trabalhar com as crianças dessa faixa etária? Qual o nosso papel enquanto adultos na vida da criança? Será que estamos deixando as crianças serem crianças? Será que permitimos que elas sejam o que desejam ser, como elas são? Será que temos um modelo, uma forma de intervir, “tratar” ou “ensinar” como as crianças devem ser? A brincadeira é natural?

Uma delas – de que brincam as crianças nos finais de semana, fora da creche – me levou a recolher alguns relatos de pais e funcionárias. Com a devolução dada por eles, percebi que as crianças brincam mais na creche do que em qualquer outro lugar, pois é o local em que passam mais tempo, já que seus pais tem uma carga horária grande de trabalho.

Essas questões me levaram a refletir sobre tudo que aprendi com os teóricos estudados no curso. Mergulhei na análise desse processo a partir da observação de brincadeiras para perceber como as crianças aprendem brincando e constroem regras a partir dos jogos. As teorias de Vygotsky, Brougère e Corsaro, entre outros estudiosos me ajudaram nessa escavação. A importância do corpo e do movimento nas brincadeiras e em outras experiências infantis também foi abordada.

Esta monografia está estruturada da seguinte maneira: no primeiro capítulo, apresento a importância do olhar do profissional de Educação Infantil para as brincadeiras. No segundo capítulo, trago as brincadeiras sem regras pré-estabelecidas e no terceiro, me dedico àquelas com regras pré-estabelecidas. Por fim, faço minhas considerações finais sobre o processo vivido e as descobertas realizadas.

## 1 O BRINCAR EXIGE CERTO TIPO DE OLHAR

Do brinquedo à brincadeira, todo um universo está condensado a espera daqueles que se disponham a descobri-lo.

Cristina Laclette Porto

As brincadeiras e jogos surgem gradativamente na vida da criança desde os mais funcionais até os de regras, proporcionando experiências, possibilitando conquistas e formando sua identidade.

É no brincar que a criança aprende a ter limite no seu querer, porque as regras devem ser respeitadas para que todos consigam se relacionar. Brincar não é nada mais que criar conhecimentos, ampliar as referências que favorecem uma postura mais crítica diante dos acontecimentos da vida. Como afirma Vygotsky (2007):

Na situação de brincadeira a criança se projeta nas atividades adultas e ensaia seus futuros papéis e valores. Ela começa a adquirir motivação, as habilidades e as atitudes necessárias para a sua participação social, que só pode ser completamente atingida com a interação com os companheiros da mesma idade. (VYGOTSKY, 2007, p. 108-109)

A brincadeira proporciona à criança na Educação Infantil caminhos para estabelecer regras constituídas por si e pelo grupo e para a integração da criança com a sociedade. O brincar é importante para o desenvolvimento integral da criança nos aspectos físico, social, cultural, afetivo, emocional e cognitivo. É importante conscientizar a todos o quanto o lúdico deve ser vivenciado na infância e fazer parte de uma aprendizagem prazerosa. Mas, não só é um lazer e sim, um ato de aprendizagem. Fantacholi (2011) esclarece que Vygotsky (2007),

ao discutir o papel do brinquedo, refere-se especificamente à brincadeira de faz-de-conta como brincar de casinha, brincar de escolinha, brincar com um cabo de vassoura como se fosse um cavalo. Faz referência a outros tipos de brinquedo, mas a brincadeira de faz-de-conta é privilegiada em sua discussão sobre o papel do brinquedo no desenvolvimento (FANTACHOLI, 2011)<sup>1</sup>.

Vygotsky (2007) afirma que: “no brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual, o mesmo contém todas as tendências do

<sup>1</sup> Disponível em: <http://revista.fundacaoaprender.org.br/?p=78>

desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo uma grande fonte de desenvolvimento” (VYGOTSKY, 2007, p.122).

Segundo o autor, a brincadeira possui três características: imaginação, imitação e regra. Essas características estão presentes em todos os tipos de brincadeiras infantis, sejam elas tradicionais ou de faz de conta. Ao brincar, o desenvolvimento infantil pode alcançar níveis mais complexos por causa das possibilidades de interações entre as crianças numa situação imaginária e pela negociação de regras. A experiência na brincadeira permite que as crianças decidam e assumam papéis a serem representados, também atribuam sentidos diferentes aos objetos, transformando-os. A imitação do mundo dos adultos, as atitudes dos mesmos em relação à família e ao trabalho, por exemplo, favorece para a criança a elaboração de investigações e elaboração de hipóteses sobre o funcionamento da sociedade. As brincadeiras simbólicas têm regras que são do comportamento social e os objetos podem ter significados diferentes daquilo que aparentam.

Segundo Brougère (1995), a brincadeira é uma mutação do sentido, da realidade. As coisas vão se tornando outras; os personagens se transformam, dando vida; as regras vão surgindo sem que elas percebam. Na verdade, as regras vão surgindo e sendo construídas a partir da negociação entre parceiros, enquanto dura a ação.

Brougère (1995) acrescenta que essas regras do comportamento social são enriquecidas pela cultura lúdica de cada participante. Para ele, a brincadeira é uma ação em que o jogador adquire e domina o seu contexto e também o lugar de emergência e enriquecimento da cultura lúdica, que é um conjunto de regras e significações próprias do jogo. Ou seja, para ele, cultura é um produto de interação social e o brincar já traz consigo um acervo cultural de significações e de como o grupo representa seu modo de vida no espaço social.

Já Corsaro (2002, p. 113-134) aponta o processo de reprodução interpretativa que acontece no brincar. O autor classifica esse tipo de brincadeira de suas maneiras: o faz de conta sócio-dramático, onde as crianças trazem experiências de suas vidas reais (por exemplo: rotinas familiares e ocupacionais) e jogos de fantasia, em que o faz de conta é baseado em narrativas de ficção.

O brincar é, portanto, uma importante forma de comunicação. É por meio das brincadeiras, que as crianças reproduzem interpretativamente (CORSARO, 2002) o seu cotidiano. Através do brincar, a criança também constrói autonomia e

desenvolve a criatividade: “O brincar abre para a criança múltiplas janelas de interpretação, compreensão e ação sobre a realidade” (BORBA, 2009, p.70).

Borba (2009), com base em Vygotsky e Corsaro, afirma que o brincar é fonte de desenvolvimento e de aprendizagem:

Por meio do brincar, as crianças fazem reproduções interpretativas e, reconhecendo-se como parte de um grupo social, aprendem sobre si, os outros e suas relações com o mundo. A criança aprende pelo brincar, criando, renovando, fortalecendo e enriquecendo sua cultura lúdica. Ela aprende a brincar com os adultos que a cercam e com outras crianças. Ou seja, brincar é uma atividade que se aprende na relação com o outro e se modifica ao longo do tempo. (BORBA, 2009, p.70)

Na creche, são muitas as brincadeiras e somente com muita observação e registro é possível identificar sua riqueza.

### **1.1 Aprendendo a ver as brincadeiras**

No texto intitulado “O olho torto de Alexandre: Ensaio sobre o alcance de uma visão maculada” Prado (2008) nos instiga a ler o original de Graciliano Ramos. O texto tem relação significativa com o nosso processo de elaboração de monografia, pois ampliou para o ponto principal da construção inicial: ter um olho para me ver por dentro, pelo interior e o outro para ver o exterior.

Desenvolvi minha monografia a partir do meu olhar para aprendizagem e desenvolvimento da criança no brincar, usando os recursos de observação, relação de respeito entre ambos e buscando conhecimentos em autores que me sustentem e me orientem com seus relatos e experiências olhar observador. Os registros diários sobre a minha prática, os relatos, as vivências e experiências das crianças no dia a dia, em situações de brincadeira foram o foco principal para a realização de minha pesquisa.

Os instrumentos metodológicos propostos por Madalena Freire (2014) e vivenciados no Curso Normal Superior do Pró-Saber, como aluna, foram requisitos essenciais para a minha pesquisa. Essa concepção democrática de ensino me fez ver a importância da observação, do registro reflexivo, da avaliação e do planejamento e o quanto são fundamentais para o educador e o aluno, em sala de aula.

Na minha pesquisa, fiz um diário de bordo próprio para registrar as falas e as brincadeiras das crianças, em momentos de aula, e para anotar as indicações de teóricos importantes que falam da aprendizagem no desenvolvimento infantil a partir

do brincar. Registrei também citações de autores da educação infantil, revisitando meus registros reflexivos e textos usados em momentos de aulas e práticas do dia a dia, nos planejamentos das aulas, além de registros fotográficos do ambiente e do brincar. Observei com um olhar atento para essas imaginações e criações que as crianças têm ao aprender, desenvolvendo e registrando cenas do cotidiano, adquirindo informações, habilidades, atitudes e valores a partir do brincar.

Para fazer a revisão de literatura, o primeiro passo foi fazer as pesquisas dos periódicos na biblioteca, o segundo foi identificar os livros da biblioteca que temos em sala de aula. O terceiro foi pesquisar os artigos, periódicos e teses. Nesses acervos encontrei referências relevantes ao meu tema. E o quarto foi registrar as brincadeiras realizadas pelas crianças com as quais trabalho, em um caderno de campo.

## **1.2 Descrição do campo da pesquisa**

A creche em que eu trabalho fica localizada na Rua Indiana, número 59 – Cosme Velho - Rio de Janeiro. No dia 28 de outubro de 1956, foi fundada a obra de assistência social chamada “Cristo Redentor. Inicialmente, era uma escola primária para meninas abrigadas (internato). Elas concluíam o curso primário e continuavam os estudos em escolas públicas do município do Rio de Janeiro. A partir de 1989, foi fechado o abrigo (internato). A partir de 1992, passou a ser um semi-internato ou regime integral, na modalidade creche e pré-escola, atendendo preferencialmente crianças providas das comunidades: Cerro Corá, Ladeira dos Guararapes e Santa Tereza.

Em 2002, atendendo à nova “Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional de 1996” – LDB, a estrutura foi reformulada para atender a faixa etária da Educação Infantil – creche e pré-escola, em período integral e passou a se chamar “Centro de Educação Infantil Cristo Redentor”.

Foi fundada pelas “Irmãs Palotinas” com o objetivo de acolher, educar e formar para a vida. A creche atende hoje 70 crianças de 2 a 4 anos, do maternal 1 ao maternal 2. É formada com por uma equipe com: 1 diretora, 1 coordenadora pedagógica, 1 contador, 1 secretária, 1 cozinheira, 1 auxiliar de cozinha, 1 auxiliar de limpeza, 1 recreador, 4 professoras, 4 auxiliares de turma.



Passei a fazer parte da instituição no ano de 2011. Trabalho há 6 anos como professora regente do maternal 1, com 15 crianças de 2 a 3 anos e conto com a parceria de uma auxiliar de turma. Na minha sala, o desenvolvimento das crianças vem se dando gradativamente. Cada uma vai adquirindo habilidades e experiências no dia a dia, com as interações e trocas no grupo, a partir das brincadeiras, das atividades e propostas oferecidas por mim. O meu planejamento é construído a partir das observações diárias e dos registros que faço no ato ou no final do dia. É pelo estudo desses registros que eu me re-planejo.

A creche oferece um bom espaço físico para a quantidade de crianças. Os espaços são amplos e aconchegantes.

Figura 1: Pátio onde as crianças brincam



Acervo da autora

A figura 1 mostra o parquinho da creche onde eu trabalho. Nesse espaço, observo as crianças explorarem os limites do próprio corpo ao correrem. Elas sobem e descem do escorrega, evitando colocar as mãos ao escorregar. Esses momentos mostram muito bem os avanços físicos delas e a realidade que re-apresentam ao brincar. Ao observar, vejo muito a forma como brincam entre si, seja em atividades livres ou dirigidas.

Figura 2: Parte coberta



Acervo da autora

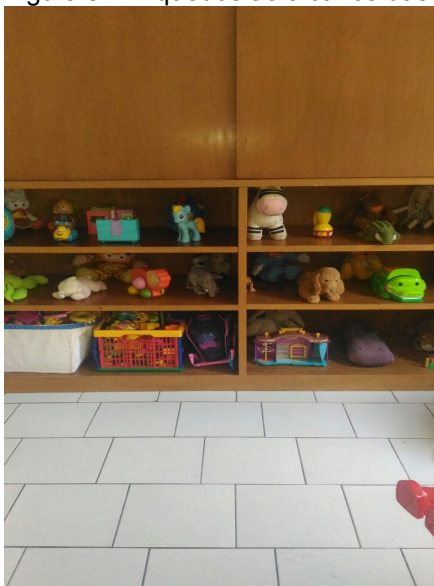
Na figura 2, vemos a parte coberta do pátio. As crianças exploram todo o espaço e aqui percebo o desenvolvimento e as interações das crianças em vários aspectos. As experiências vão constituindo sua cultura lúdica, enriquecendo-a e ampliando-a nas brincadeiras que realizam com outros parceiros. Elas apresentam diversos personagens e transformam os objetos a cada dia, dando significados diversos.

O acervo de brinquedos é grande. A creche recebe muitas doações e, quando as recebemos, a coordenadora e umas das irmãs fazem a seleção e dividem, deixando um pouco em cada sala.

As crianças experimentam, exploram, manuseiam e aprendem brincando com cada brinquedo recebido. Observo, nesses momentos, as brincadeiras preferidas, os gostos e os desejos de cada uma nas suas criações, transformando e criando a partir das brincadeiras.

As crianças brincam, experimentam, instigam e exploram e a partir da brincadeira se comunicam e interagem entre si. E com isso, tenho a oportunidade de conhecer cada uma. Brougère (1995) afirma que a brincadeira é um processo de relações da criança com o brinquedo, com outras crianças e com os adultos, portanto um processo de cultura.

Figura 3 Brinquedos ao alcance das crianças



Acervo da autora

A figura 3 mostra a minibrinquedoteca que construí em minha sala de aula, após a visita à brinquedoteca do Pró – Saber, apresentada pela professora Cristina Porto. O que me motivou foi a altura e o acesso aos brinquedos. Lá, tudo estava ao alcance das crianças, o que me fez criar uma estante com diversos brinquedos. Depois dessa experiência, comecei a entender como me organizar e criei maneiras para que as crianças pudessem brincar em lugares pequenos, mas criativos. As crianças aqui brincam, criam personagens e vivem momentos de imaginação.

## 2 BRINCADEIRAS SEM REGRAS PRÉ-ESTABELECIDAS

“Ao brincar, a criança assume papéis e aceita as regras próprias da brincadeira, executando, imaginariamente, tarefas para as quais ainda não está apta ou não sente como agradáveis na realidade.”

Vygotsky

Durante a pesquisa, identifiquei tipos diferentes de brincadeira. A grosso modo, poderíamos classificá-las como brincadeiras simbólicas e brincadeiras tradicionais.

Na brincadeira simbólica, as regras são construídas pelas crianças no decorrer da ação. Na brincadeira tradicional, as regras são pré-estabelecidas. Ficou claro que não existe brincadeira sem regras e que “a situação imaginária de qualquer forma de brinquedo já contém regras do comportamento, embora possa não ser um jogo com regras formais estabelecidas a priori” (VYGOTSKY, 2007, p. 110).

Ou seja, todo brinquedo tem regras, por mais que não venham pré-estabelecidas. Regra do comportamento social é quando, por exemplo, a criança pega um carrinho para brincar e diz que vai ser o motorista. Sem perceber, ela ditou uma regra ao afirmar que irá dirigir e comporta-se como um motorista.

Registrei várias situações que tornam mais visível essa questão levantada pelo autor. Em uma delas, espalhei vários brinquedos no parquinho e sugeri que as crianças brincassem com eles. Uma aluna pegou um copo, uma pá de brinquedo e uma boneca e levou tudo para a casinha de brinquedo. Em seguida, chegou outra colega e começou a brincar com ela. Me chamou atenção o fato de que, assim que a primeira menina sentou, a segunda começou a brincar de mãe e filha. A brincadeira era um faz de conta. Sua continuidade era negociada ao longo da brincadeira.

### Mãe e filha

Uma falava que era a mãe e a outra que era a filha; a primeira pedia para a segunda se sentar, colocava a pá de brinquedo em sua boca e imaginava que era comida. Depois, pegava a boneca e falava: - Filha, vem *mamá*; levantou a blusa e colocou primeiro a boneca em um peito, depois passou para o outro peito. Terminada a tarefa, deitou a boneca no chão e falou: - Vai dormir, filha.

Ela saiu da casinha e foi para debaixo do escorrega, voltou, pegou um copo e perguntou para mim: - Cleide, você quer

suco? Respondi com outra pergunta: - É suco de quê? Ela disse que era de laranja. Falei - Eu quero! Ela, então, pegou o copo e entregou na minha mão. Eu fiz de conta que bebi todo o suco. (Caderno de Campo, 03 / 08 / 17)

Em outra ocasião, a creche ganhou uma casinha de lanche com o símbolo do Mac Donald's de brinquedo. No início, as crianças observaram, depois largaram. No dia seguinte, fomos ao parquinho de novo. As crianças observaram e começaram a brincar e Giulia descobriu que havia uma caixa registradora. Para ela, foi uma surpresa! Chamou alguns amigos e começou a brincar, representando cenas, como se estivesse vendendo batatas fritas.

### **Caixa registradora**

Ela pegava o dinheiro de imaginação e guardava no caixa. Depois, começou a cortar folhas da mangueira e falava que eram batatas fritas, distribuindo para seus colegas. Nesse momento, todos os amigos se envolveram na brincadeira. Thomas era o vendedor e falava assim: - Júlia, você quer batata frita? Toma. Júlia pegava as batatas e colocava na boca, comendo de brincadeira.

Nesse mesmo dia, o Gabriel brincava com um carrinho e falava assim: - Vamos mamãe, para o parquinho? (A mamãe estava dentro do carro.) - Mamãe, desce do carro! Você já andou. (Caderno de Campo, 18/ 05 / 2017)

Durante uma atividade diversificada, dei Legos para as crianças explorarem. Débora construiu um bolo, enfileirando as peças, reuniu os amigos para uma festa e começou a cantar "Parabéns para você".

### **Bolo de Lego**

Júlia se aproxima e destrói o bolo. Diana fala, com a mão na cintura: - Júlia você estragou a festa! Júlia fala: - Desculpa! Você deixa eu brincar? Diana responde: - Sim , vamos para festa? Observo que Laura abraçou a Júlia e Daniela. Ela pega um celular de brinquedo e fala: - Vem *tilar* foto!, trazendo as duas amigas para brincar e fazendo várias poses como estivesse fazendo self. (Caderno de Campo, 26 / 06 / 17)

Vygotsky (2007) afirma que a brincadeira ajuda na interação do grupo, no desenvolvimento da fala, faz com que a criança apresente seu universo cultural e incorpore novos conhecimentos sobre regras e desafios da sociedade: "A criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação aquilo que vê. Assim, é

alcançada uma condição em que a criança começa a agir independentemente daquilo que vê” (VYGOTSKY, 2007, p. 114).

Os Legos se transformam em muitas coisas a partir da imaginação das crianças. Foram várias as situações observadas em que as crianças usaram peças desse jogo de construção.

### **Upa, Cavalinho!**

Marcos pegou três peças de Lego e transformou em um cavalo. Começou a cantar: - Upa, cavalinho! e saiu cavalgando. Seus amigos começaram a observar sua brincadeira e depois participaram junto com ele, cantando e cavalgando com o Marcos. (Caderno de Campo, 01 / 08 / 17)

Em outra atividade onde o Lego foi proposto, as crianças começaram a brincar, montando castelo, empilhando um em cima do outro e etc. Eu, sentada na mesa, comecei a observar.

### **Atividade com Lego**

De repente, a aluna Diana se aproximou e falou: - Cleide eu trouxe dois *pesentes* (presentes) para você! Agradeci. Ela ficou me olhando, viu que gostei e disse: - É dois brinquedos: uma boneca e uma bola. Os presentes eram duas peças de Lego (rsrsrs). (Caderno de Campo, 07 / 08 / 17)

Aliás, bolos e festas de aniversário são temas bastante presentes. Mariana Helena gosta sempre de brincar sozinha; não gosta de falar muito, mas, certo dia...

### **Outro bolo de Lego**

Ela juntou os Legos, chamou Sarah e Luiza e, juntas, começaram a cantar assim: - Mariana, Mariana, parabéns, parabéns. Ela empilhou uma peça de Lego em cima da outra, em forma de um bolo. (Caderno de Campo, 09 / 08 / 17)

Em atividades com Legos, dentro ou fora da sala, a festa é recorrente. Na atividade do parquinho, deixei as crianças brincarem livremente e fiquei sentada, observando. As crianças se dividiram em grupos. Um grupo foi para o escorrega, outros foram andar de bicicleta.

### **Festa de aniversário**

Sabrina e Júlia foram para a casinha e começaram a brincar, fazendo uma festa de aniversário para Júlia. Quando ela começou a cantar a música do Parabéns, seus amigos

perceberam e foram até lá. Quando a Sabrina viu, foi logo conduzindo seus amigos para a festa. Depois, perguntou para eles se queriam bolo. O Cleiton falou: - Eu quero suco! A Daniela falou: - Eu quero docinho!

Depois Daniela veio até onde eu estava e disse: Cleide, você quer bolo? Daniela também quer? Nesse momento fui interagindo com ela, pedindo suco e bolo. (Caderno de Campo, 02 /08 / 17)

A transformação de um objeto em outra coisa não acontece apenas com os Legos.

### **Castelo vira máquina fotográfica**

No momento da brincadeira na sala, Laura pega uma boneca e fala que é sua filha. Júlia pega na sua mão e fala: - Vamos tirar uma foto? Júlia pega um castelinho de brinquedo e transforma em uma máquina fotográfica; abraça a Laura e Daniel e começa a tirar fotos e a fazer self. De repente, Gabriel se aproxima e fala: - Eu também quero brincar! Daniel fala: - Vem! Em seguida, abraça Gabriel e Júlia continua tirando fotos igual gente grande. Júlia, em outro momento, pega o castelinho em forma de máquina e começa a fazer self sozinha, sentada no cantinho da sala. Ela faz self e sorri para o brinquedo [máquina em forma de castelinho]. (Caderno de Campo, 24/08/17)

### **Carrinho vira celular**

No momento da atividade diversificada, Júlia pega um carrinho, usa como se fosse um celular e faz self com o Cleiton e Laura. Thomas pega peças de Lego, fala que era comida e chama seus amiguinhos para comer. (Caderno de Campo, 06/09/17)

### **Boneca pequena vira celular**

Na atividade livre direcionada no pátio, Sabrina pega uma boneca pequena e coloca no ouvido. Fica falando assim: - Alô, papai! Papai vamos para a casa da Jussara? Em seguida, ela colocou a boneca no colo, pegou na mão da Laura e foi passear pelos espaços do pátio. (Caderno de Campo, 09 / 08 / 17)

As sucatas também provocam a imaginação. Ofereci tampinhas de garrafa pet com a intencionalidade de trabalhar cores, sequência lógica e etc. No primeiro momento, eles começaram a mexer. Um grupo começou a brincar, colocando uma ao lado da outra, transformando em círculo. Depois, juntos, espalhavam tudo que tinham montado. Foram inventando outros caminhos e dando outros significados para as tampinhas, transformando-as em celular, cobra, comidas e copos com sucos.



### **Brincadeiras com sucata**

Thomas pegou as tampinhas e foi para a mesa; começou a colocar uma atrás da outra, separando as cores. Depois ele me chamou e falou: - Cleide, eu fiz uma cobra! E, em seguida, começou a tirar cada tampinha e colocar dentro da tampa de amaciante. Gabriel tirou dele e ele começou a chorar. Gabriel falou: - Não chore! Vai chamar sua mamãe! Thomas ficou aborrecido e foi chorar, no cantinho da parede. Depois parou e voltou a brincar.

Daniela pegou as tampinhas, colocou no corredor de brinquedo e começou a comer. Júlia pegou uma peça de Lego na caixa e levou a boca, falando que era suco.

Um grupinho com três crianças construiu um bolo e começou a cantar “Parabéns para você”.

Sabrina pegou 4 tampas de amaciante, falava que eram copos com suco e começou a colocar na boca, falando que estava tomando suco.

Gabriel, em um outro momento, foi para debaixo da mesa com algumas tampas e começou a ligar para sua vovó, dizendo assim: - Vovó, eu estou aqui. Alô! Alô, vem aqui!

Claudia colocava a tampa de amaciante na ponta do nariz e falava assim: - Nariz de palhaço.

Durante esse tempo, lembrei a aula da Beatriz, quando brincamos e exploramos os blocos lógicos, transformando e construindo personagens com os blocos. (Caderno de Campo, 08/ 08/ 17)

Roupas e acessórios dão “panos pra manga”!

Certa vez, uma sacola cheia de brinquedos, bolsinhas e bonés chegou de doação. Assim que a recebi, apresentei logo os materiais para as crianças que começaram a usá-los. Sabrina pegou uma bolsa, pôs um boné e acenou, como se estivesse se despedindo.

### **Brincadeira de ir à praia**

Na mesma hora, perguntei: - Aonde você vai? Ela sorriu e respondeu: - “*Paia*” (praia). A partir daí, o grupo se contagiou com os movimentos da Sabrina e eu continuei instigando a brincadeira: - Vocês vão de carro? Quem vai dirigir? Não corre muito viu? Vocês vão tomar sorvete na praia? A água tá quente ou gelada? Etc.

Obs: Fui provocando novas ações e, em pouco tempo, todas estavam dando tchau falando assim: - Tchau, Cleide. Eu: - Tchau, Rosilene (auxiliar). Foram se agrupando como se estivessem em um carro. Percebi que estava nascendo uma nova brincadeira. (Caderno de Campo, 14 / 08 / 17)



Não apenas os objetos ganham outra dimensão. O tempo e o espaço também são transformados.

#### **Professora ganha um pão**

Hoje, no parquinho, Gabriel entrou no carrinho, me deu tchau e falou: - Cleide, vou comprar pão, você quer? Respondi: - Quero sim, Gabriel. Ele deu uma volta toda ao redor do parquinho e voltou falando: -Toma Cleide, seu pão. (Caderno de Campo, 04/09/17)

Em um dia de parquinho, não pudemos ir para lá, porque estava molhado. Então, ficamos na sala. Percebi que, quando a criança quer fazer algo e lhe negam, ela começa a brincar em outro lugar, imaginando o que queria fazer.

Se não foi brincar no parquinho, fica chateada, no primeiro momento, mas, depois, começa a brincar, imaginando que está lá. Ofereci uma caixa com brinquedos e fiquei observando as brincadeiras no grupo.

#### **Brincadeira de fazer comidinha na sala**

Durante as brincadeiras, as crianças representaram seu cotidiano, imitando mãe, pai... fazendo comidinha e etc. (Caderno de Campo, 04 / 08 / 17)

Logo lembrei da professora Cristina Porto ao abordar o que significava representação interpretativa para Willian Corsaro.

Para esse autor, as brincadeiras tradicionais vêm passando de geração a geração com algumas modificações, porém com o mesmo objetivo. As crianças formam seus grupos e vão ensinando umas para as outras. Corsaro (2002) aponta que, quando estão brincando, as crianças frequentemente tomam o modelo adulto mais complexo, expandindo-o e transformando-o, para dar-lhe um senso de controle e poder. Ele afirma que:

a produção de cultura de pares não se fica nem por uma questão de simples imitação nem por apropriação direta do mundo adulto. As crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para produzir a sua própria cultura de pares. [...] (transforma a informação do mundo adulto de acordo com suas preocupações do mundo dos pares) como simultaneamente contribui para a reprodução da cultura adulta. Este processo de apropriação criativa pode ser visto como uma reprodução interpretativa (CORSARO, 2002, p.114).

Nas situações observadas, pude notar como as crianças inspiram-se nas próprias experiências com e sobre o mundo adulto e alargam a cultura de pares.

### **Socorro, é a polícia ... matando mosquitos!**

Durante a brincadeira no pátio, Emanuely pega um relógio de brinquedo, que tem várias peças com números para encaixar e convida Sabrina e Laura para brincar. Elas começam. Quando, de repente, Marcos e Cleiton chegam com brinquedos na mão. O Marcos com um secador de brinquedo e o Cleiton, com uma furadeira de brinquedo, aponta para elas como se estivesse atirando. Sabrina pega na mão das amigas e sai correndo: - Socorro, é polícia! É polícia, corre, corre". Me aproximei e perguntei: - Vocês estão brincando de quê? Marcos falou: - Estamos matando os mosquitos. (Caderno de Campo, 23/08/17)

Esse exemplo lembra-me ainda da afirmação de Brougère (1995) de que, ao brincar, as crianças confrontam-se com sua cultura, apropriando-se e transformando-a. Como alerta o autor, a brincadeira não é uma atividade natural. É algo que se aprende socialmente.

Além disso, ao favorecer a brincadeira, seja no parquinho, em sala ou nos momentos de espera, pude observar que as crianças fazem combinados entre si e mostram, como havia sido ressaltado por Vygotsky (2007) que a brincadeira de faz de conta não é uma atividade isenta de regras, estas são partilhadas pelos próprios participantes, com base na situação e no universo simbólico.

### **De avião para o fundo do mar**

Assim que Gabriel acordou, foi ao banheiro com a Rosilene e voltou para a sala. Rosilene [auxiliar] começou a acordar as crianças. Gabriel senta em um colchonete e começa a brincar, cantando: - Para lá, para cá - com uma mão em cada lado do colchonete. Daniel fica observando e logo se envolve na brincadeira, sentando atrás do Gabriel. Thomas vai em seguida e senta também. Cada um pega uma ponta do colchonete e continua cantando: - Para lá, para cá.

Eu me aproximo e pergunto: - Você vai para onde Gabriel? Ele responde: - Para o fundo do mar. Pergunto: - Com quem? Daniel respondeu: - De avião.

As outras crianças acordaram e ficaram observando a brincadeira deles. Júlia se aproxima, senta atrás do Thomas e fala: - Eu também vou para rua, Cleide. Gabriel fala: - Não, Júlia, é de avião!

Fui ajudar as outras crianças a calçarem os sapatos e os 4 continuaram brincando, observei que eles só deixaram de brincar, quando Rosilene chegou com o lanche da tarde. Daniel falou: - Vamos, gente, lanchar. Rosilene e eu caímos na risada. Foi muito engraçada a expressão do Daniel, nessa hora. (Caderno de Campo, 29/08/17)

As negociações e os conflitos estão presentes o tempo todo.

### **Negociações**

Daniel estava brincando no pátio com um relógio de montar, quando Cleiton se aproximou e tirou as peças. Daniel começa a chorar bem alto. Em seguida, Cleiton abraça Daniel e fala: - Desculpa, amigo, vamos brincar? Daniel pára de chorar, vai brincar com ele e fala: - Tá desculpado, amigo. (Caderno de Campo, 29/08/17)

### **Conflito: De quem é a filha?**

Laura e Sabrina pegaram uma boneca e foram brincar debaixo da mesa. Ágata foi até elas, pegou a boneca da Laura e saiu. Sabrina pega a boneca e entrega para Laura. Ágata fala: - Não, não, essa é minha filha! [rs,rs]

Sabrina fala: - Não é sua, é da Laura. Depois, Ágata pega um cachorrinho de pelúcia, senta e vai brincar com elas, esquecendo o conflito que aconteceu antes. (Caderno de Campo, 28/08/17)

Durante a rotina da creche, há o momento de arrumar os colchonetes para as crianças dormirem. Em geral, peço para se sentarem no corredor da sala e nesse intervalo, entre uma atividade e outra, elas também inventam brincadeiras.

### **Enquanto esperam... crianças brincam de ônibus no corredor**

Eles foram sentando, um atrás do outro, quando, de repente, Thomas começou a brincar junto com o grupo. Thomas logo levantou e foi na caixa de brinquedos, pegou um pandeiro e voltou para o trem, falando que era “*tolante*” [volante]. Em seguida, ele falou assim: - Vamos, minha gente, andar de ônibus! A partir daí, todas as crianças se envolveram na brincadeira. (Caderno de Campo, 18/08/17)

A observação, permeada por sensibilidade e cuidado, permite captar o extraordinário que as crianças trazem. Quando você ensina brincando, a criança aprende com maior facilidade. É no brincar que a criança aprende a lidar com os limites impostos pelas regras.

No próximo capítulo, me deterei em compreender as brincadeiras tradicionais que já trazem regras pré-estabelecidas e que dependem em parte do professor para que as crianças possam conhecer.

### 3 BRINCADEIRAS COM REGRAS PRÉ-ESTABELECIDAS

“Ao brincar com a criança, o adulto está brincando consigo mesmo.”

Carlos Drummond de Andrade

Em meio às brincadeiras simbólicas, alguns jogos tradicionais podem surgir. Mas, para que isso aconteça, as crianças precisam conhecer o jogo e saber identificar. No caso da Amarelinha, existe um traçado e algumas regras que o definem.

#### **Amarelinha**

Ágata pega uma boneca e sai com ela no braço, quando, de repente, caminha pelo pátio e vê uma amarelinha apagada, que quase não se vê. Mesmo assim, ela começa a pular cada quadrado da amarelinha, cantando: - Um, *tois* [dois], *teis* [três], *cat* [quatro], dez. Marcos percebe a brincadeira dela e começa a brincar junto. (Caderno de Campo, 29/08/17)

Na amarelinha a regra é pré-estabelecida e tem uma intenção. Percebi que, mesmo que eu nunca tenha oferecido essa brincadeira, ela já a conhecia e sabia como brincar. A menina mostrou que esse jogo fazia parte de sua cultura lúdica.

Nesse caso, não fui eu que ensinei, mas para dar mais uma ideia do universo lúdico presente na minha prática, vou relatar outras situações. A partir da história “O minhoco apaixonado” que contei para as crianças, a música da Minhoca Filomena surgiu inesperadamente.

#### **Minhoca, me dá uma beijoca**

Na hora do almoço, Sabrina pega um macarrão parafuso e começa a brincar, falando que era uma minhoca. Envolveu seus amigos que estavam sentados junto a ela e todos começam a brincar e cantar: - Minhoca, minhoca, me dá uma beijoca! Eu havia contado a história do minhoco apaixonado. (Caderno de Campo, 24/08/17)

O repertório de brincadeiras que compõem a cultura lúdica infantil vai sendo construído e torna-se uma referência cultural. Torna-se um conjunto de experiências que permitem às crianças brincarem juntas.

O professor tem papel de destaque ao diversificar essas referências. Vou relatar dois momentos de brincadeiras com regras pré-estabelecidas de que as crianças gostam bastante: Dança das Cadeiras e Estátua.

No início, a Dança das Cadeiras gerava muitos conflitos, porque ninguém aceitava perder. Mas, como gosto muito, a repito em sala, costume propor em diversas ocasiões, pois envolve música, interação, regras coletivas, ritmo, percepção de espaço e raciocínio. Traz também um aprendizado forte em relação ao saber perder.

A brincadeira aconteceu pela primeira vez, no parquinho externo da creche. Levei a turma e pedi para se sentarem, enquanto eu explicava o que ia acontecer. Coloquei cadeiras lado a lado, referentes à quantidade de alunos, formando duas colunas de cadeiras, uma de costas para a outra. Para iniciar a brincadeira, expliquei o objetivo: era para eles se sentarem, assim que a música parasse de que tocar. No segundo momento, ia ser tirada uma cadeira e, quem não sentasse, ia ser eliminado. Coloquei a turma enfileirada em volta das cadeiras, com as mãos para trás e liguei o som. As crianças começaram a correr dando volta, com as mãos para trás.

Nesse início, algumas crianças já queriam se sentar. Eu explicava que era para sentar apenas, quando a música parasse. Quando o primeiro aluno foi eliminado, ele chorou e não queria sair da brincadeira, não queria aceitar a regra. Minha auxiliar e eu explicamos para ele e depois ele acabou aceitando. A turma foi ficando atenta e brincava alegre e se divertia bastante.

O começo foi difícil, porque não queriam perder e nem sair da brincadeira, choravam sem querer aceitar, mas, com o tempo, aprenderam e entenderam as regras que a brincadeira tem.

Hoje, a Dança das Cadeiras é uma das preferidas do grupo. Eles brincam e, quando são eliminados, conseguem sair e aguardar o último colega brincar. Quando o último amigo ganha, todos levantam e se abraçam, comemorando. As crianças ficam pedindo para repetir mais uma vez a brincadeira, quando o horário não está estourado, eu repito, porque, é através da repetição que eles aprendem.

Nessa brincadeira, observo coordenação motora ampla, trabalho o espaço, lateralidade, percepção auditiva, atenção, agilidade, ritmo, trabalho duplas, interação do grupo, concentração e etc....

A Brincadeira da Estátua também foi apresentada por mim. As crianças sentaram-se em uma roda e eu expliquei como ia ser e qual era o objetivo. Elas tinham que ficar em pé, na roda e, quando eu colocasse a música, tinham que dançar. Quando a música parasse, elas teriam que ficar paradas, sem se mexer, até a música voltar. Se alguém se mexesse seria eliminado e sairia da brincadeira.

A brincadeira começou e elas foram dançando... quando a música parava, elas ficavam olhando para mim e eu, para a outra educadora, para fazermos a mesma pose. Quando um aluno era eliminado, chorava, mas logo parava.

No início foi difícil, pois eles tinham que ficar parados por um tempo, porém, com o passar do tempo, aprenderam as regras e respeitaram a proposta. Hoje, essa brincadeira é também uma das preferidas da turma. Gostam muito de brincar e pedem bastante para eu fazer na sala.

Essa brincadeira estimula a integração com outras crianças, trabalha equilíbrio, socialização, dança, imitação, criatividade e concentração. Eles ficam em alerta, esperando a música parar, além de caprichar na posição de “estátua”.

Vygotsky (2007) afirma ser incorreto associar o prazer ao ato de brincar por duas razões:

Primeiro, muitas atividades dão à criança experiências de prazer muito mais intensas do que o brincar, como, por exemplo, chupar chupeta, mesmo que a criança não se sacie. E, segundo, existem jogos nos quais a própria atividade não é agradável, como por exemplo, predominantemente no fim da idade pré-escolar, jogos que só dão prazer à criança se ela considera o resultado interessante (VYGOTSKY, 2007, p. 107).

Concordo com o autor que nem sempre o brincar é prazeroso. Em algumas brincadeiras como a Dança das Cadeiras e a de Estátua, mencionadas anteriormente, quem perde não fica feliz. Mas, observei também que, se, no início, as crianças choravam, pois não queriam perder, depois, passaram a aceitar e a cumprir as regras.

A brincadeira é uma arte. Por meio dela aprende-se a conviver, a respeitar o outro, a aceitar divergências, a negociar, a ter uma vida social em grupo e a se desenvolver em todas as áreas.

No trabalho com crianças pequenas, a todo momento o educador faz mediações, mesmo sem perceber. O professor tem papel fundamental no brincar da criança; sua postura tanto pode facilitar.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões levantadas na introdução serviram de fio condutor para a construção desse trabalho monográfico. Com base nos autores estudados e na pesquisa realizada, fiquei particularmente reflexiva em relação a duas delas: toda brincadeira tem regras e a brincadeira não é natural.

Durante a observação, fui percebendo que as crianças fazem reapresentações de cenas do dia a dia e, a cada minuto, se envolvem e vão envolvendo o educador. Essa imitação foi ficando cada vez mais sofisticada, pois os papéis foram sendo complementados: uma era mãe, outra era filha, eu era outro personagem... O interessante também foi notar a forma como elas iam descobrindo o mundo e levando alguns elementos para o faz de conta.

Para Brougère (1995) esse mito da brincadeira natural precisa ser rompido, mas se a gente entender por natural o impulso que a criança tem de investigar, de experimentar, podemos dizer que sim, pois, para a criança, tudo é matéria de brinquedo e brincadeira. Mas, e essas novas dimensões que vão além da experimentação? São desenvolvidas naturalmente?

Nas observações registradas, vimos que elas vão se apropriando do mundo com brinquedos e brincadeiras. Sendo assim, se o ato de brincar vai ganhando outras dimensões, inspiradas na cultura lúdica e na cultura em geral, entendo o que o autor quer dizer.

A brincadeira é cultural e acontece através das observações, com as experiências e no meio social em que as crianças estão inseridas. Elas vão se enriquecendo na medida que participam e brincam com outras crianças e aprendem. Portanto, a brincadeira é um processo de relações interindividuais. É através dos objetos e dos jogos que a brincadeira “prepara” a criança para a vida social. As crianças aprendem brincando e aprendem a brincar.

A brincadeira tem um poder que acontece na interação entre as crianças. Eu tenho uma aluna que não brincava, então, passei a provocá-la com brincadeiras com Legos e outras mais, que permitiam socialização e interação das crianças entre si e comigo. A todo momento eu me aproximava, dando beijos, abraços e levando-a para o grupo. Atualmente, ela brinca, interage e sempre inicia as brincadeiras no grupo. Essa conquista aconteceu através das brincadeiras.

A brincadeira tem o papel de favorecer a socialização das crianças e permite que elas se apropriem dos códigos culturais da sua sociedade. Segundo Brougère (1995), “o círculo humano e o ambiente formado pelos objetos contribuem para a socialização da criança e isso através das múltiplas interações, as quais algumas tomam forma de brincadeira” (BROUGÈRE, 1995, p. 61).

Andrade (2008) fala da necessidade de uma formação lúdica do professor, lembrando que muitos falam da importância do brincar para as crianças, mas não vivenciam essa realidade.

Reconhecem que brincar é importante para a criança, mas não deixam tempo livre para a brincadeira ou, quando deixam, é ao final do dia, quando não tem mais nenhuma atividade para fazer. Desse modo, menosprezam esse momento lúdico, como se não fosse uma atividade importante.

Muitas vezes, os professores oferecem jogos como, por exemplo, o dominó, com um único intuito: que as crianças aprendam a contar. Ficam tão vidrados em ter o resultado desejado, que esquecem de ver que as crianças estão aprendendo mais do que os números, estão aprendendo a se socializar com as demais, a pensar, a exercitar sua capacidade de raciocinar, de criar estratégias, de resolver problemas, além de experimentar diversos tipos de sentimentos e sensações diferentes.

Durante o Curso Normal Superior do Pró-Saber, a visita à brinquedoteca me fez lembrar de brincadeiras que brinquei na infância e me permitiu também conhecer brincadeiras que não brinquei.

O espaço é muito aconchegante e bem organizado e me contagiou. Logo comecei a brincar com as outras alunas. Circulei por todos os espaços, explorei e manuseei tudo que tinha lá, brinquei de bonecas, pulei elástico, andei de pernas de pau, usei vários acessórios, etc.

Naquele dia, brinquei e fui eu mesma, reencontrei a mesma infância, porque revivi brincadeiras que me marcaram. A brinquedoteca me fez valorizar o que eu tinha vivido e a ampliar minhas experiências. O que eu aprendi naquele espaço me serviu de caminho e abriu várias janelas, me fazendo renascer, mudando minha história. Hoje posso garantir para as crianças com as quais eu trabalho, uma infância feliz, com muitas possibilidades de brincar.

Na Educação Infantil, o espaço de brincar deveria ser considerado, pelos professores, o eixo central do planejamento. Porém, percebe-se que muitas vezes é considerado perda de tempo ou mera recreação. Seria necessário que o brincar



estivesse inserido na rotina e que os educadores se conscientizassem de sua importância para o desenvolvimento integral dos pequenos.

Temos que valorizar mais a brincadeira. Muitos professores não tiveram, quando crianças, essa parte lúdica que é a brincadeira e por isso cresceram sem saber sua importância. O professor também tem que ser esse ser humano lúdico, que brinca com seus alunos, que ensina e aprende com eles.

O curso me fez ter um novo olhar, atento e observador sobre a educação infantil e permitiu que eu começasse a realizar um trabalho com mais qualidade e atenção e que contribuiu para o desenvolvimento dos meus alunos em todos os aspectos. Freire (2008) aponta que é preciso também aprender enquanto se ensina.

Antes, eu não entendia e nem acreditava mesmo no quanto o brincar é importante para o desenvolvimento das crianças. Antes eu não dava voz e nem vez para elas. Pensava que a criança não tinha nada a contribuir nesse sentido. Era autoritária, deixava as crianças brincarem só por brincar; não acreditava nessa possibilidade de aprender junto com elas.

Inserida neste espaço de formação e com o exercício da metodologia apresentada, aprendi a desconstruir e construir aprendizados que me transformaram tanto por dentro como por fora. Hoje valorizo a história e a cultura das crianças. A metodologia democrática das aulas me transformou em um educadora atenta, dedicada com um olhar observador, pensante, sensível e reflexivo que me faz refletir e perceber o quanto somos ouro, únicos e singular.

## REFERÊNCIAS

- BORBA, A. A brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, P. (Org.) **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- BRASIL. **Referencial Curricular Para Educação Infantil**. Ministério da Educação e Do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEP, 1998, Volumes: 1 e 2.
- BROUGÉRE, G. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Ed. Cortez, 1995.
- CORSARO, W. A Reprodução Interpretativa no Brincar ao Faz de Conta das Crianças. In: **Educação, Sociedades e Cultura**. n. 17, 2002,113-134.
- PORTO, C. L. Brincadeira ou atividade lúdica? In: **Boletim Salto para o Futuro**, 2008.
- \_\_\_\_\_. Brinquedo e brincadeira na brinquedoteca. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. **Infância e produção cultural**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- VYGOSTSKY., L. S. Papel do brinquedo no desenvolvimento. In: \_\_\_\_\_. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.